

A CASA TOMBADA

VERA LÚCIA BARQUEIRO PIRES

**CARTAS DE AGRADECIMENTO AOS PROFESSORES:**  
CARTOGRAFIAS DA DIVERSIDADE E DAS SINGULARIDADES NA  
COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

BRAGANÇA PAULISTA  
2022

## O CAMINHO PERCORRIDO ATÉ A CHEGADA N'A CASA, EM CASA

Este trabalho representa o caminho percorrido por mim, junto aos professores e alunas do Curso de Pós-Graduação – Coordenação Pedagógica: Cartografias da Diversidade e Singularidades na Atuação Coordenadora.

Meu dia a dia na Educação Infantil inicia-se no planejamento das propostas que se configurarão como convites às crianças, visando ao seu desenvolvimento e à sua aprendizagem. Por esse planejamento passam os direitos de desenvolvimento e de aprendizagem propostos pela BNCC, ao mesmo tempo que ele se alinha aos interesses de conhecimento das crianças do grupo. Apesar de ser elaborado com antecedência de uma semana, a prática das propostas é aberta e mutável. Seu foco, porém, não se perde. Isto porque, muitas vezes, após minhas observações, registros e documentações sobre o quê e como as crianças se envolvem e interagem, o que fora planejado se altera, sendo enriquecido pelas reflexões oriundas das documentações e das experiências vividas pelo grupo.

Um olhar respeitoso e acolhedor aos seus movimentos e expressões, por vezes, tão sutis;

Uma escuta cuidadosa e atenta, tanto às suas opiniões, quanto ao que o “não-falar” quer dizer;

Gestos que buscam agregar o grupo e que tentam devolver às crianças um tanto da sua espontaneidade e alegria...

Enfim, uma prática de entrega, encantamento e respeito pela infância.

A criança que se alegra (ou que também se ressentida) com o corpo todo ao ouvir uma história, ou ao fazer uma descoberta, seja ela científica, ou sobre si mesma; um olhar que se abaixa quando a criança é convidada a expor suas ideias e opiniões ao grupo; os olhos que se engrandecem até quase não caberem no rosto por conta de tanta curiosidade, emoção ou espanto ao se identificar com o personagem de uma história que supera o “mal”. Estas são as minhas escolhas enquanto convivo com as crianças.

O que teria acontecido com essa expressividade sem um olhar dirigido a ela, além de tanto potencial perdido pela desatenção? Não há que se negar a importância da abordagem aos conteúdos e objetivos planejados. Porém, como envolvê-los no nosso cotidiano sem considerar primeiro o que esses seres humanos estão nos trazendo enquanto sujeitos de direito e, portanto, subjetivamente?

Como ouvir o que não é dito pela criança que ainda não se expressa verbalmente? Como dar voz a quem merece exercer o direito da competência oral? Mesmo sem a oralidade, as crianças nos dizem muito. A nossa escuta pode lhe devolver, no nosso turno dialógico, a vez da sua voz.

Quanta alegria, quantos sorrisos e abraços espontâneos que tanto me surpreendem há quase vinte anos junto às crianças na Educação Infantil.

## COM LICENÇA. POSSO ENTRAR?

Depois de algumas experiências com a escrita acadêmica (pesquisa em Iniciação Científica, Aperfeiçoamento, início no programa de Mestrado e TCC), não tive mais interesse em ingressar em cursos de pós-graduação. Eu havia entendido que eu não me identificava com o tipo de escrita que reproduzia pensamentos, ideias, teses, hipóteses e conclusões de pensadores e pesquisadores. Quero deixar claro aqui que valorizo e respeito tudo e todos eles. A questão é que, na minha opinião, pouco espaço houve para as minhas descobertas; pouca liberdade para apresentar aos leitores que tivessem acesso à minha pesquisa o meu próprio percurso de reflexão, construção de hipóteses e conclusões (ainda que provisórias, na maioria das vezes). Por esses motivos, na minha trajetória de estudos, recusei convites para ingressar no programa de Mestrado novamente.

Avançando uma década no tempo, muitas mudanças ocorreram no local que trabalho há dezoito anos – mudanças internas que compunham a gestão, mais especificamente. Fui, então, indicada para compor o quadro de liderança da escola. Sentindo-me aquém (em termos de formação) do que os professores mereciam em termos de formação deles, recusei a proposta. Alguns meses depois, um novo convite foi feito para que eu assumisse a Coordenação Pedagógica da mesma escola. Mais uma vez, não aceitei a proposta, já que não acreditei que, na prática do cotidiano escolar, a minha formação para assumir o cargo não aconteceria.

Mesmo convencida da minha decisão, e apoiada nos argumentos que levaram a tomá-la, restava-me uma curiosidade: Que lugar é esse que tanto nego estar? Desta inquietação, principalmente da minha formação enquanto coordenadora, surgiu uma questão para a qual eu buscava uma resposta: Na função formadora do coordenador, quem é que lhe forma?

Com este questionamento, tomei coragem para entrar nesta pós. Imaginei que, com um método de entrevista, eu teria um lugar maior para respostas mais inovadoras do que para os paradigmas já estabelecidos que tanto me incomodam repeti-los (sem desmerecê-los, em hipótese alguma). Assim, então, por vários meses neste curso, segui com esta questão para responder. Eu já imaginava até quem eu entrevistaria e quais pesquisadores estariam comigo nas minhas leituras, citações e referências bibliográficas.

Porém, o modo que alguns professores do curso trouxeram suas propostas começou a me chamar a atenção. A maneira com que se dirigiam a nós, aprendizes com potencial reconhecido por eles, começou a despertar em mim, a sensação de que estávamos sendo vistos e ouvidos do mesmo modo que eu fazia com as crianças do meu grupo. Percebi que esse assunto passou a me interessar muito mais do que aquele que pesquisaria a formação do coordenador. Assim, no momento final da escolha do tema

para o Trabalho de Conclusão de Curso, resolvi pesquisar sobre algo que me motivaria mais, além de outros dois motivos. Primeiro porque acreditei ter mais propriedade para falar sobre a função que exerço; segundo porque adentrar na função formadora do coordenador me faria continuar lidando (duramente) com uma decepção diária que convivo.

Em um primeiro momento, acreditei que eu retornaria e agradeceria aos professores da pós pelo reconhecimento da homologia de processos, descrita por Donald Schon, nas suas práticas pedagógicas conosco.

Na primeira versão escrita sobre esta proposição, o professor orientador Guilherme Batista encontrou o viés do acolhimento dentro do que eu estava buscando. A partir desta visão e deste entendimento, as orientações seguiram para um novo modo de abordar o trabalho. Confesso que esta nova perspectiva foi uma revelação positiva que me levou a encontrar mais autoria acadêmica em uma escrita que eu sempre busquei e acreditei em pesquisa.

Como acredito que a essência e o mote da minha pesquisa não sejam apresentar o recorte de algo com que não concordo – mesmo porque meu trabalho ficaria restrito, ainda que nas entrelinhas, a uma crítica pontual –, decidi discorrer e reconhecer a prática acolhedora dos professores desta pós. Assim, com o meu trabalho, eu tentaria contribuir, mesmo que muito humildemente, com a academia com a mesma generosidade que ela dedica registrar o que se estuda.

AH, SIM! O ACOLHIMENTO!

Para falar do acolhimento, retomarei os indícios de cada professor que marcaram a confiança no meu processo de construção de conhecimento, apresentando as cartas de agradecimento escritas a alguns professores do curso. A intenção inicial era escrever a todos os professores que participaram desta pós. Porém, por conta da demanda de tempo que cada escrita revelou ao longo do processo, até a data de apresentação deste trabalho, quatro cartas foram elaboradas e enviadas aos destinatários.

Quero deixar registrado aqui que, frente à sensibilidade e dedicação praticadas por todos os professores do curso – todos, sem exceção –, merecem o meu reconhecimento e a minha gratidão pela escuta, acolhimento e generosidade que ofereceram à minha formação; todos têm a sua representação em igualdade de importância para serem agradecidos. Porém, conforme justificado acima, o tempo dedicado (e merecido) a cada escrita me levou à necessidade de limitar o número das cartas.

Que critérios utilizar para a escolha sem parecer que os primeiros destinatários tivessem mais importância que os demais? Esta foi uma dúvida com a qual me deparei. A solução foi encontrada quando segui a ordem cronológica das aulas, conforme cada

professor ou professora declarava o acolhimento que eu buscava e reconhecia na sua prática conosco.

## HÁ SEMPRE QUE SE ENCONTRAR UM CAMINHO

Apreender conteúdos, interpretar mensagens, e estabelecer conexões ao mesmo tempo que as dinâmicas em grupo aconteciam nem sempre foram possíveis de serem realizados por mim durante os encontros. Precisei, então, por conta do déficit no processamento auditivo central, encontrar estratégias que me levassem a reconstruir conhecimentos, reelaborar hipóteses e corresponder às demandas do curso. Assim, ao longo da semana, após os encontros, eu precisava assisti-los novamente, por várias vezes (sim, várias), e registrar, por escrito, cada um deles.

Chegado o momento da escolha do tema para o TCC, com a possibilidade de que, segundo as próprias palavras do professor Giuliano Tierno, “pode ser qualquer coisa; só não pode ser de qualquer jeito”, uma possibilidade imensa de escrita autoral se abriu: escrever cartas de agradecimento aos professores.

Para a escrita de cada carta, revisei todos os encontros; mas, agora, com o olhar e a escuta para o acolhimento. Quantos novos conhecimentos reconstruí e quanta sensibilidade reencontrei ao assistir os mesmos, mas que agora pareceu diverso e que me afetou de modo diferente...

A primeira carta foi escrita aos professores-coordenadores Fábio Monteiro e Patrícia Arruda, por acreditarem, dentro das minhas limitações, no meu potencial e por me fortalecerem dentro dele para que eu pudesse seguir como aluna desta pós. É por eles que consegui chegar até aqui. Inseparáveis na sua representação formadora, a escrita foi dirigida aos dois juntos em um papel.

A segunda carta foi dirigida à professora Adriana Friedmann, que me ensinou, com tanta generosidade, a honrar as crianças em sua essência e a nos respeitar em nossa subjetividade.

Na terceira carta, agradeço à professora Renata Araújo por ter tornado claro (mesmo sem ela ter tido explícita esta intenção) a compreender o motivo pelo qual nego estar na coordenação da escola que trabalho.

Na quarta e última carta escrita antes da apresentação formal deste trabalho, agradeço à professora Telma Holanda pela casa-morada criada, construída e oferecida para tantos diálogos e reflexões para o fazer pedagógico.

São Paulo, 23 de abril de 2022

Queridos Coordenadores Patrícia e Fábio

Há um ano, escrevi uma carta a vocês. Não sei se vocês se lembram. Nela, questioneei a possibilidade ou não de prosseguir no curso frente às minhas condições derivadas do déficit no processamento auditivo central. A baixa capacidade de memória associada à dificuldade da manutenção da atenção e concentração por intermédio da via auditiva vinham sendo dificultadores (e, realmente, foram) para a minha participação em muitas propostas do curso. Naquelas que demandavam síntese momentânea de ideias e, portanto, que requereram, com mais evidência, agilidade cognitiva, o acometimento foi maior.

Uma de minhas preocupações era colaborar para as reflexões, crescimento e evolução de todos os alunos nos seus processos de aprendizagem e construção de conhecimento.

Ter chegado até aqui, depois de todas as aulas, discussões e questionamentos sobre a diversidade do papel do coordenador pedagógico só foi possível com o acolhimento verdadeiro e autêntico que vocês ofereceram. Do contrário, minha trajetória teria terminado em abril de 2021. Com cuidado e respeito, vocês consideraram as estratégias facilitadoras que eu já havia criado para acompanhar as aulas; me escutaram nas minhas angústias frente à minha possível (não)participação nas discussões em grupo; vocês se mostraram absolutamente disponíveis para me acompanhar até aonde eu quisesse chegar. Sim, senti vocês não somente ao meu lado, mas, juntos na caminhada de descobertas e estudos.

Assim como a pedagogia de Reggio Emilia pressupõe a escuta e o reconhecimento das múltiplas potencialidades de cada criança, vocês dois assumiram acreditar em uma linguagem outra, que não apenas a oralidade (e com ela a facilidade da oratória). Para mim, o acolhimento de vocês representou o reconhecimento emocionado pelo jornalista e educador Loris Malaguzzi no seu poema As Cem Linguagens da Criança. Porém, diferentemente do poema, vocês não me roubaram nenhuma linguagem, nenhum modo de pensar ou de me expressar. Parece mesmo é que vocês têm cem modos de nos escutar...

Não houve um encontro, sequer, sem a integração sentimentos e pensamentos. Contrariamente ao dualismo mente-corpo (ou não tão antagonistas assim, frente ao caos intelectual criado por René Descartes no século XVII), o educador George Isaac Brown disse-nos, em 1975: “Nós temos uma mente. Nós temos sentimentos. Separar os dois é negar tudo o que somos. Integrar os dois é nos ajudar a perceber o que podemos ser” (tradução livre). E não é assim que toda aprendizagem deveria ser? Integrada aos afetos, ligada ao coração? Sem a intenção de entrar em questões profundas de cunho filosófico, a aprendizagem pode ser alegre e prazerosa, como nos lembra o educador George Synders.

Nossas aulas começavam muito antes das quartas-feiras, às 19h, ou dos sábados, às 9h. As vozes de vocês no grupo Alunas Pós: Cartografia já revelavam a preparação do

ambiente acolhedor praticado pelas escolas reggianas. Mensagens repletas de significado e emoção revelavam os indícios das vivências que teríamos em breve.

Ao abriremos nossas janelas na plataforma, vocês já estavam lá, sorrindo, para nos acolher, reconhecendo-nos como aprendizes competentes, cheios de pensamentos, ideias, curiosidades, perguntas, dúvidas e hipóteses.

Era como se vocês nos chamassem “Oh, d’Casa!”. Não foi como imprevisto ou mera eventualidade que parecia que éramos vizinhos (do latim, habitantes da mesma aldeia), de fato. Vocês planejaram encontros para que nos constituíssemos como tais. Por vezes, da minha janela, avistei o mar, uma praia de Salvador; outras, parecia que eu me balançava na rede pendurada nos ganchos das paredes de um sítio. Às vezes, achei mesmo que eu pudesse estar morando perto de Campinas, ou caminhando por outras escolas.

Em incansáveis acolhidas afetuosas, compreender e realizar as nossas próprias conclusões nunca foram sem emoções: algumas alegres; outras árduas, talvez.

Patrícia, jamais faltou o seu maravilhamento pelos atravessamentos que você reconhecia no seu próprio trabalho por meio das palavras proferidas por outros professores e alunos. Fábio, de modo identicamente intenso, jamais faltou o seu encantamento pelas tantas metáforas e entrelaçamentos que você soube construir e compartilhou a partir do que era trazido por todos.

Sonhar com as asas de Teresa; Ah!Mar com Bartolomeu; maravilhar-se com as associações da Patrícia, e mergulhar nas narrações deslumbrantes do Fábio – quase como aquelas sopradas em vento, em mensagens no WhatsApp, não importando para quem era do dia, da tarde ou da noite –, configuraram, de maneira absolutamente acolhedora, os encontros deste curso.

“Escutar e não falar”, como referiu criticamente Malaguzzi em seu poema, não caracterizaram o que vocês esperaram da nossa postura durante as aulas (na verdade, antes e depois delas também).

Guardarei sempre vocês comigo, seja por imagens, por seus olhares, suas vozes, escutas e jeitos. Jeitos de comemorar nossas conquistas, jeitos de falar e de acolher. A esses últimos, em especial, agradeço profundamente, mais uma vez, com o mesmo reconhecimento que o professor Antonio Nóvoa discursa em sua palestra em visita ao Brasil sobre o significado da gratidão.

Muito obrigada por terem confiado em mim.

Com carinho,

Vera Pires.

São Paulo, 20 de junho de 2022.

Prezada Professora Adriana Friedmann

Ao iniciar a escrita desta carta de agradecimento, descobri que há muito mais motivos para fazê-la do que eu imaginava, e uma admiração quase sem fim à beleza e à grandiosidade que a senhora revela enquanto ser humano. Esta carta é uma homenagem a quem me ensina a honrar as crianças na sua essência e subjetividade.

Ter ficado mais perto da senhora, bem ao lado da sua janela nest'A Casa Tombada, que nos colocou em Diálogos, me levou a lembranças da minha infância. Infância vivida também em uma casa em frente a outras duas. Em cada uma delas, a vontade transbordante de brincar era logo anunciada pela janela:

“- Vizinha, quer brincar comigo?”

Era assim, de maneira tão espontânea, que as brincadeiras começavam.

Que alegria reconhecer, por intermédio da carta que a senhora escreveu, intitulada As Crianças de Todos os Cantos, que a infância honrada pela senhora é a minha infância (sim, ela é, no tempo presente, uma vez que me constitui hoje); é a mesma infância em valores e oportunidades de expressões que busco conhecer mais e proporcionar às crianças com quem convivo.

Quero agradecer por ensinar a praticar a humildade de perguntar às crianças se podemos aprender através dos seus olhares, dos seus sentires e das suas vozes; agradecer por nos apresentar a delicadeza de pedir licença para olharmos para suas vidas e conhecermos mais sobre a Infância.

Obrigada por compartilhar a sua alegria maior em pensar que as crianças têm tanto para nos ensinar e nos mostrar. Isso é muito inspirador.

A sua presença sempre inteira, professora – assim como a senhora reverencia no caminhar ao lado das crianças –, conecta-nos com a nossa essência. Ao lado da sua janela, a senhora ofereceu saberes. A moldura da sua janela certamente é definida pelo respeito à humanidade que habita em todos os seres; as folhas dessa janela são compostas pela transparência da verdadeira busca do que nos define e nos impulsiona para promovermos o que, de melhor, toda criança merece vivenciar; no peitoril da sua janela, em nossos encontros, nós a assistimos e ouvimos debruçada sobre os valores humanos que sustentam a sua voz; nas frestas dessa janela, adentra-se luz. Junto às leituras acadêmicas e de mundo que a senhora nos recomendou, essa composição diz muito sobre o seu interior enquanto formadora de educadores.

Quero agradecer também a sua sensibilidade em suscitar a nossa responsabilidade por respeitarmos a singularidade de cada ser nas suas expressões e por considerarmos maneiras e oportunidades para potencializá-las, para que cada criança seja, na sua essência, quem realmente é. Isso, em particular, diz muito dentro da minha trajetória de vida enquanto profissional e enquanto indivíduo que se constrói continuamente. Lembrar que só consegui seguir com esta pós até aqui porque encontrei seres humanos com a mesma empatia e receptividade que a senhora pratica.

Professora Adriana, só é possível ouvi-la se for com o coração. O seu acolhimento amoroso nos leva a ampliar a nossa sensibilidade para olharmos para dentro dos nossos afetos e vivências na Infância. E somente com essa mesma amorosidade é que

conseguiremos enxergar e receber cada criança na sua subjetividade. Muito obrigada por tanta delicadeza compartilhada.

O caminho da escuta foi aberto. Agora, o nosso melhor gesto é acolher os silêncios, os movimentos, o conhecimento que está na vida e proporcionar vivências que constituam lembranças que afetem as crianças ao longo da sua Infância e por toda a vida. Que os afetos e o respeito as toquem em tons maiores de alegria e ludicidade.

Professora, gratidão por sua (inteira) presença na minha formação.

Com carinho,

Vera Pires.

São Paulo, 22 de junho de 2022.

Professora Renata

Que alegria ter encontrado esta oportunidade para demonstrar a minha admiração por você, pela trajetória de estudos que você vem trilhando e por suas conquistas acadêmicas e profissionais.

Venho aqui agradecer a inspiração comovente que você trouxe para mim quando nos encontramos neste percurso – sim, um percurso, cujo caminho se completa agora; ele se completa, é verdade, mas não termina aqui.

A sua sensibilidade para olhar o humano me emociona. Você é pura afetividade e delicadeza de sentimentos. Você se emociona quando fala da Educação, esse compromisso que nós, educadores, assumimos com a vida. Você fala da Educação como quem fala da vida, das aprendizagens alegres e significativas que acontecem com os professores. E eu, dirigindo o meu olhar para os modos de acolhimento dos professores da pós e o meu modo de acolhimento às crianças na Educação infantil, encontrei ressonância entre eles.

Bem, entrei neste curso sobre Coordenação com a intenção de conhecer mais sobre este lugar dentro da escola; com a intenção de tentar compreender, talvez, os pretextos que me levam a negar, várias vezes, estar na coordenação da escola que trabalho. Estou te contando isso porque, por meio de uma das reflexões que você trouxe, sua voz (sempre emocionada) ecoou diretamente em algo que acredito e defendo. Por esse motivo – e foi você quem me conduziu a essa descoberta –, o seu posicionamento de que é preciso defender os nossos valores e os princípios que acreditamos em Educação me sensibilizou.

Recusar assumir um papel que defende ideias pedagógicas que, por sua vez, abarcam preceitos e concepções sociais, políticas e morais, não me representam, vai ao encontro de sustentar os meus próprios princípios e valores humanos. Como eu poderia desempenhar um papel de formadora (além de tantos outros atribuídos à função coordenadora) sem poder acreditar ou compartilhar que todo professor é autor da sua prática docente? Como construir parcerias criativas e inspiradoras para a atuação profissional se o incentivo ao processo de estruturação da identidade dos atores da Educação não acontece? A minha atuação pedagógica aconteceria só pela metade; e não é em algo que não seja por inteiro que acredito.

De que valeria um coordenador sem o seu compromisso de honrar cada criança e cada professor para que siga apreciando suas conquistas, que se descubra e que descubra os outros?

Renata, com você aprendi que, em pares, nos tornamos um grupo que aprende. Posso dizer que você fez essa transformação acontecer nas suas aulas. Obrigada por ter trazido a prática de valorizar e reforçar as aprendizagens individuais para o nosso grupo crescer em aprendizagens também. Enxergo aqui o acolhimento tão inspirador sustentado pelas ideias reggianas. Isso é falar sobre os processos de reflexão vividos aqui nesta pós; processos que se harmonizam com a prática que busco com as crianças, que põe a aprendizagem no centro do trabalho.

Você abriu diálogo, partilhou e quis receber saberes; me transformou. E eu, uma vez mais, encontrei consonância entre o que você cultivou por aqui com a maneira que busco envolver as crianças nos seus processos de construção das suas identidades.

Partilhas, reflexões e transformações entraram em diálogo quando proporcionamos oportunidades para que a Educação se aproximasse, cada vez mais, do que acreditamos. Nesse diálogo, encontrei a sua voz. Encontrei você, que também acredita que “se queremos uma cultura de pensamento presente nas salas-referência, é imprescindível que a sala dos professores também a tenham.” Assim, se acredito que o acolhimento às crianças deve considerá-la na sua inteireza, enquanto uma criatura plena, é primordial que o acolhimento aos educadores também o seja. E você faz acontecer assim!

É ouvir um ser humano sensível e acolhedor como você que nos faz acreditar na Educação.

Tudo isso me faz lembrar de um poema de Rui Rocha, do qual transcrevo alguns trechos aqui:

*De que vale*

*De que vale um protesto sem causa  
De que vale uma vírgula sem pausa  
De que vale um poema sem nunca o sentir*

*De que vale uma ponte sem leito  
De que vale uma luta sem ter peito  
De que vale um abraço sem o repartir*

*De que vale o avesso sem direito  
De que vale o remédio sem efeito  
De que vale ter a força sem o arremesso*

*De que vale a partida sem destino  
De que vale o ninar sem ter menino  
De que vale o final sem o começo*

Agora pergunto: De que valeria esta pós sem o olhar sensível e acolhedor como o seu?

Muito obrigada por me fazer acreditar na Educação.

Com carinho,

Vera Pires.

São Paulo, 26 de junho de 2022.

Prezada Telma

Escrevo esta carta como forma de agradecimento aos Diálogos inspiradores que você trouxe para os encontros organizados para esta pós.

Na aula inaugural deste curso entre Casas – quando você construiu morada para todos nós –, você apresentou a possibilidade de trazermos as múltiplas linguagens para nos “darmos a conhecer” (pegando emprestada uma expressão utilizada pela professora Eloísa Ponzio em uma de suas propostas). Poder decidir, para além da oralidade, qual linguagem poderia me representar e me apresentaria... Ah, como essa perspectiva foi libertadora para quem não tem a oratória como arte.

Assim como você, que procura verbos para descrever cenas e ações do cotidiano da escola, pergunto para mim mesma: Quanto verbos poderiam ser citados quando penso em te agradecer pelas falas entusiasmadas que você trouxe durante as aulas da pós?

Obrigada por sua fala nunca ter sido pequena e pelo modo poético que você a trouxe para as reflexões.

Quero agradecer por você me conduzir a pensar sobre a presença do outro em mim. Certa vez, lá no começo do curso, você disse: “Em mim, eu vejo outros.” Junto com o professor Giuliano Tierno e o educador Paulo Freire, você nos conduz a avançar em reflexões sobre a formação do educador e sobre o que nos afeta nesse processo permanente. Encontrei na sua fala e no seu modo de se referir a nós, enquanto aprendizes, que você vê e acredita no nosso potencial enquanto tais, sob a ótica reggiana. Portanto, como construtores de conhecimento e de autoconhecimento, como seres autônomos e capazes de realizar conexões entre saberes.

Telma, você nos instiga a sermos perguntadores de nós mesmos, de questionarmos em todos os momentos da nossa formação, se os nossos valores humanos e ideais de Educação estão representados na nossa prática pedagógica. Encontrei aqui o que busco realizar junto às crianças, que vivem continuamente as suas infâncias entre perguntas e construção de saberes. Isso me levou a olhar para a minha infância também, que me constitui como educadora.

Entre as suas perguntas, Telma, novos questionamentos sempre surgiam, para que alcançássemos mais longe em percursos traçados ao caminharmos juntos – porque precisamos estar juntos sempre, não é?

Há dezoito meses, escolhi habitar uma Casa que dialoga. Em muitas janelas dessa Casa, encontrei um acolhimento que eu não imaginava existir em um curso de pós-graduação.

Agradeço por você ter compartilhado, nos seus diálogos, sensibilidade humana e confiança na composição e formação singulares de cada aprendiz que se fez presente. Só assim é que poderemos **ser** o educador que almejamos e possibilitarmos às crianças as infâncias que elas merecem viver.

Telma, muito obrigada pela oportunidade que você proporcionou para que eu te respeite e te admire mais.

Com carinho,

Vera Pires

## FINALIZAÇÃO

Que este trabalho represente, para além do reconhecimento da generosidade de cada professor e professora ao compartilhar seus valores humanos e educacionais, a relevância do acolhimento às diferentes linguagens que cada ser humano possui para se expressar e evoluir, mesmo dentro de suas limitações. Que este trabalho possa sensibilizar professores, coordenadores, gestores e mantenedores de tantas outras Veras, Pedros, Olívias e Joanas. Que tantas outras crianças possam ser vistas, escutadas e encorajadas por mais educadores comprometidos com a Educação, para que alcancem o que desejam, merecem e têm direito.

Tudo e todos que deste TCC participaram, direta ou indiretamente, já estão na minha memória afetiva. Que este trabalho chegue com sensibilidade até vocês.